

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes
Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes

Entrevista [comentada] a AMÉLIA MUGE e MICHALES LOUKOVIKAS por MARIANA CAMACHO e ANA SALGUEIRO*



Desenhos de Amélia Muge com edição gráfica de Cristiana Serejo *in*
Amélia MUGE e Michales LOUKOVIKAS (2017), *ARCHIPELAGOS | passagens* [e-book], p.27 e p.40

archipélagos, de αρχι - arkhi - 'grande, primordial' e de πέλαγος - pelagos, 'mar', refere-se não a uma geografia de ilhas, mas ao mar Egeu; só depois passa a designar o 'conjunto de ilhas do Egeu' e, mais tarde, qualquer outro agrupamento de ilhas em qualquer outro mar [...] mar, que liga e se atravessa – ilha, que é ponto e passagem. Isolamento e comunicação numa mesma palavra, sentidos em função da forma como cada um chega, parte e navega entre pontos. Nesta nova aventura, o que agora e sempre nos interroga e desafia, é a nossa capacidade de religar e deixar rasto de viagem, pelos locais e passagens que construímos ou simplesmente atravessamos

Amélia Muge e Michales Loukovikas, 2017, *ARCHIPELAGOS| passagens*, p.8

OUTROS [...] CULTIVAM A POESIA, ISOLADOS COMO ILHAS [...]/ NÓS, AGRUPADOS,
FORMAMOS ESTE/ ARQUIPÉLAGO

[aragão correia, carlos cristóvão, florival de passos, herberto helder, jorge freitas,
rebello de quenatal, rogerio correia e silvério pereira], 1952, *Arquipélago*, p. [5]

Outro ARCHiPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes
Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Em 1952, o então jovem Herberto Helder publicava no Funchal, com outros sete autores locais (bem distintos entre si, em termos poéticos), uma antologia quase homónima do projeto *ARCHiPELAGOS / passagens*, editado no final de 2017 pela portuguesa Amélia Muge (Moçambique, 1952) e pelo grego Michales Loukovikas (Trácia, Grécia, 1950). Esses oito poetas madeirenses (aragão correia, carlos cristóvão, florival de passos, herberto helder, jorge de Freitas, rebelo de quental, rogerio correia e silvério pereira), então, davam o título *Arquipélago* à sua coletânea de poesia, sinalizando, assim, o caráter compósito e heterogéneo do novo livro, mas também uma dinâmica de criação e divulgação poéticas que tinha por base o princípio tensional do diálogo e do *en-contro* complementares. Em seu entender, estes seriam valores fundamentais para o revigoramento do sistema cultural madeirense, fortemente debilitado quer pelas consequências da II Guerra Mundial, quer pelas políticas educativas e culturais então implementadas na ilha e no país. Contudo, o entusiasmo inicial da *tripulação* desse *arquipélago* de 1952 durou pouco e rapidamente as divergências poéticas e pessoais fizeram gorar o projeto.

Procurando fazer a ponte entre esse projeto madeirense da década de 1950 e o recente *ARCHiPELAGOS / passagens* de Amélia Muge e Michales Loukovikas, desafiámos estes dois autores para uma pequena conversa comentada, com o propósito de, com os leitores da revista TRANSLOCAL, visitarmos o seu novo álbum e acompanharmos as *viagens* que subjazem à sua génese e que continuam recriar-lhe sentidos.

ARCHiPELAGOS / passagens retoma um trabalho de co-criação transdisciplinar, internacional e multilinguística já ensaiado, em 2012, por Amélia Muge e Michales Loukovikas, na edição do CD *PERIPLUS/ deambulações luso-gregas*, um projeto que vinha ganhando forma desde 2009, ano em que os seus autores se encontraram “pela primeira vez [...] no *mar da internet*”. Abria-se, a partir de então, um fértil conjunto de ‘janelas’ de interação, ‘canais’ de comunicação, ‘pontes’ de ligação entre Portugal e Grécia, espreadas por múltiplas geografias culturais” (MUGE e LOUKOVIKAS, 2017: 5) que, no final de 2017, desaguaria no seu novo projeto *ARCHiPELAGOS/ passagens*, e tendo vindo a ser apresentado publicamente, a partir de então, em diversos espaços culturais portugueses e gregos.

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes
Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

No texto de abertura de *PERIPLUS*, Amélia Muge e Michales Loukovikas sublinham:

Our focus is the union of music and poetry, especially those of our countries, Portugal and Hellas [...], although we are anything but an exclusive club: building bridges, opening windows, is our specialty, working together mainly via the internet.

Our aim is to create new music and poetry, inspired by the great arts of the past, our rich, common heritage, not only the erudite but also the popular (MUGE e LOUKOVIKAS, 2012).

Este propósito foi continuado e acrescido em *ARCHIPELAGOS / passagens*, cujo enquadramento e cujo conceito são igualmente partilhados pelos dois autores no livro digital ilustrado e trilingue que acompanha o CD¹. Um formato de novo compósito (arquipelágico?) e ainda mais complexo, onde se cruzam poesia, música e criação visual, ao mesmo tempo que se promove o encontro vivo e metamorfoseador entre múltiplos poetas, músicos, tradições musicais e poéticas, investigadores/pensadores, e, *pour cause*, entre distintas (distantes?) geografias culturais, sociais e políticas: a açoriana, a alemã, a cabo-verdiana, a canária, a chilena, a galega, a grega, a hurrita, a madeirense, a moçambicana, a portuguesa, e porventura outras tantas que, na verdade, constituem a intrincada tessitura das que aqui enunciamos:

A ideia do projecto *ARCHIPELAGOS/Passagens* baseia-se na característica mais importante do processo de trabalho adoptado no projecto anterior *PERIPLUS/Deambulações Luso-Gregas*: cada interacção tem um *ponto de encontro* específico; uma espécie de 'versão ao vivo' de momentos do passado, quando povos de diferentes culturas se encontravam e trocavam ideias e experiências, músicas e canções [...] *PERIPLUS* tem dez *pontos de encontro* ou *sequências*. Todas juntas, mais as relações flutuantes 'entre elas', constituem um conjunto de ilhas imaginárias - um ARQUIPÉLAGO.

É na continuidade deste puzzle *marítimo*, que se vem reforçar e alargar a rede de interacções no tempo e no espaço, aos níveis artístico, musical, literário, filosófico, social e histórico. Tal como em *PERIPLUS*, o carácter organizador dos *pontos de encontro sequenciais* dá a *ARCHIPELAGOS/Passagens* um enquadramento mais vasto do que o de um trabalho linear multi ou inter cultural entre Portugal e Grécia.

A ideia é ancorar nalgumas das 'ilhas' já visitadas, descobrir outras, assinalar as passagens e reforçar a ideia de 'viagem em mar aberto' - em que Helenos e Portugueses mostraram ser peritos - mas também de 'viagem interior' (MUGE e LOUKOVIKAS, 2017: 5-6)

Assim, numa arrojada dinâmica de recriação transdiscursiva, transcultural e interartes, este novo trabalho de Amélia Muge e Michales Loukovikas (pontuado pela colaboração de um alargado coletivo de artistas de distintas proveniências) não constrói

¹ O CD é acompanhado por um e-book editado em português, em grego e em inglês.

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes

Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

apenas as *passagens* espaço-temporais evocadas quer no título, quer na referência explícita a Walter Benjamin, logo na secção “I ~ No labirinto das passagens”.² Na verdade, vai bem mais longe, ao arquitetar a construção de uma (ideia de) *comunidade co-autoral e performativa*, apresentada metaforicamente sob o nome “tripulação”, ou, numa espécie de *mise-an-abyeme* especular, através da personagem insubmissa e nunca silenciada dos “Meninos perdidos”: um corpo plural e compósito (*alter-ego* da própria “tripulação”?!), uma voz coral (porque plural e dialogante), onde a singularidade de cada unidade, embora colocada em relação/tensão com cada uma das restantes e com o todo, não se anula, antes deixando impressas na tessitura desse corpo/voz coletivo as marcas da sua singularidade; uma *comunidade co-autoral e performativa* em trânsito que, justamente no poema “Meninos perdidos”, agitada pelo ritmo dinâmico da música tradicional da Trácia, se recusa a desistir da reconstrução da sua Terra do Nunca, repetindo insistentemente a necessidade de um posicionamento ético, político e artístico que exige responsabilidade crítica, justiça e respeito quer pela dignidade humana, quer pelas múltiplas tradições e respetivas memórias culturais :

Nunca obedecemos/ ao teu *tem de ser!*
nem dormimos cedo
damos cambalhotas/ a espantar o medo

Nunca nunca nunca
nunca digas sim,/ nunca digas não
sem saber porquê,/ só por distração

² *ARQUIPELAGOS/ passagens*, adotando uma estrutura arquipelágica em coerência com o título, encontra-se organizado em **8 secções**: “1~No labirinto das passagens”; “2~Tripulação de músicos e autores”; “3~Roteiro das viagens”; “4~Tarefas de mareagem”; “5~Outras passagens”; “6~ Gratitudes”; “7~Mais sobre a tripulação”; “8~ARQUIPÉDIA - Notas, apontamentos”. Por sua vez, a secção mais extensa do projeto - “3~Roteiro das viagens”- encontra-se organizada em **10 conjuntos de canções** que João Lisboa (jornalista do *Expresso* a quem coube, com Nuno Pacheco, jornalista do *Público*, [a apresentação de ARQUIPELAGOS, em Lisboa](#)) apelidou de “cantos”, aproximando ironicamente as constelações fragmentárias de versos que se encontram na (*anti*)*epopeia* *ARQUIPELAGOS/ passagens* do modelo camoniano de organização externa do cantar épico. Por sua vez, a cada um desses *cantos* (chamemos-lhe assim), é atribuído um título específico, sinalizando-se, dessa forma, temas e tópicos, lugares, dinâmicas e condições que marcam a viagem (re)criativa de um *periplus* que, pela (des)articulação temática, cronológica e/ou geográfica se configura como uma deriva e, por conseguinte, como um *nostos* moderno, cujo porto de acolhimento se descobre não poder ser nem uma ilha (mas antes um arquipélago), nem um ponto de chegada definitiva (mas antes um porto provisório de paragem, onde se geram novas partidas): “I. REVISITANDO O ARQUIPÉLAGO”; “II. CANTOS DA ARGILA Variação a”; “III. MACARONÉSIA”; “IV. PENAS DE AMOR O QUE SÃO?”; “V. CANSAÇO DE SER”; “II. CANTOS DA ARGILA Variação b”; “VI. NA TAVERNA DO PORTO”; “VII. ILHAS IMAGINÁRIAS”; “VIII. EM TEMPO DE INDIGÊNCIA”; “IX. JÁ SE DÃO AS VOLTAS TODAS”; “X. O QUE AS ONDAM CONTAM” (MUGE e LOUKOVİKAS, 2017: 3).

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes
Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Ele há cada cara/ de nariz emproado
não olha de frente,/ só olha de lado
se aquilo que dizes/ nada tem de meu
vai perder teu tempo/ noutro que não eu

(MUGE e LOUKOVIKAS, 2017: 41)

Na verdade, esta *comunidade-tripulação* (ora mais nómada, ora mais exílica e, como a teia de “Penélope de Ítaca”, num reiterado fazer, desfazer e refazer) não se circunscreve aos poetas e músicos criadores e intérpretes dos 10 *conjuntos-cantos* de canções inscritas no CD e no *e-book*. Como a teia de Penélope e os Meninos Perdidos das canções 15 e 16, essa *comunidade-tripulação* é-nos apresentada como um coletivo flutuante e tecido em rede, co-responsável pelo *governo* do “Roteiro das Viagens” que, “em mar aberto”, se constrói efetivamente em *ARCHIPELAGOS* e, aqui, sob a forma de um *arquipélago de arquipélagos*, inequivocamente ilustrada nos desenhos de Amélia Muge e design gráfico de Cristiana Serejo que se incluem na capa no *e-book* (MUGE e LOUKOVIKAS, 2017: 7): um arquipélago de trânsitos e ligações, a que se juntam pontos de ancoragem e cruzamento, por sua vez ligados e com passagens por outros pontos de outros arquipélagos

Gerado “EM TEMPOS DE INDIGÊNCIA” permeados por um agudo “CANSAÇO DE SER” (títulos de dois outros *cantos* do álbum, onde se escuta o declarado eco da poesia e do posicionamento político de Hélia Correia ora contra uma União Europeia muito pouco comunitária, cada vez mais centralista e encerrada ao *outro*, ora contra a prepotência da insensibilidade política a questões humanitárias, à injustiça social, ou até à relevância da memória cultural herdada dos que agora não tinham poder), *ARCHIPELAGOS* revela-se, deste modo e em contra-corrente, também como projeto político.³ Isto, na medida em que a sua plena execução/realização contra-argumenta a tese distópica de uma irremediável desagregação comunitária, que teria como consequência a desumanização do mundo contemporâneo. Uma tese amplamente mediatizada e politicamente manipulada nos

³ M. Loukovikas afirma: “Hélia Correia está nos nossos corações; também está no *coração* do nosso *Archipelagos*. A nossa sequência mais longa é quase toda baseada no seu extenso poema *A Terceira Miséria*, que começa com uma citação de Friedrich Hölderlin. Seguimos os seus passos e decidimos tomar como ponto de partida o seu poema *O Arquipélago*” (MUGE e LOUKOVIKAS, 2017: 65). Na “ARQUIPÉDIA” final do ebook, o verbete “Hélia Correia” explica ser esta uma “romancista, dramaturga e poeta portuguesa”, nascida em 1949, em cuja obra é notório o fascínio pelas culturas helénicas, seja na “sua reinterpretação dos mitos helénicos do ponto de vista das heroínas femininas como Antígona, Helena e Medeia”, seja no contundente poema “*A Terceira Miséria* (2012), homenagem à [sua] Grécia, na senda dos passos de Friedrich Hölderlin”, publicado justamente no ano em que lhe foi atribuído o Prémio Camões e o qual, no contexto da aguda crise financeira mundial que traçava uma violenta clivagem entre os europeus de 1.ª classe e os PIIGS (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha (SPAIN) - europeus marginais e de terceira categoria, Hélia Correia dedicaria “à Grécia, *de onde vem a poesia, sem a qual não seríamos nada e não teríamos nada*”, em evidente protesto político contra a estigmatização injusta dos povos sem poder (MUGE e LOUKOVIKAS, 2017: 140).

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

últimos anos, em gestos de vária ordem (políticos, económicos, culturais, artísticos), nem sempre movidos com verdadeiro rigor crítico, ou por propósitos zelosos do bem individual e do bem comum.

Abrindo o *e-book* com uma tentativa de definição de “Arquipélago” e “Passagens”, que, assim, pela localização inaugural que ocupam, assumem o estatuto de conceitos basilares de todo o projeto, Amélia Muge e Michales Loukovikas sublinham como a geografia do arquipélago e o trânsito em rotas marinhas (sobretudo em “mar aberto”), contrariamente à solidez continental e aos itinerários fixos inscritos nos caminhos terrestres, são, por natureza, fluidos e instáveis, apelando ao desafio (temeroso, é certo) da redescoberta incessante de novos percursos e de respostas alternativas às que, entretanto, foram gastas e tornadas disfuncionais. De facto, arquipélagos e rotas marítimas, sustentados e instavelmente inscritos num espaço líquido (lembramos o sentido etimológico da palavra arquipélago, citado na abertura do *e-book*), são fenómenos tecidos por forças tensionais (ora mais disruptivas, ora em maior harmonização ou confluência), decorrendo sobretudo da evidência de que todas as “experiências e construções” assumem o devir da “incompletude”, podendo, assim, ser efetivamente metaforizadas na fragmentária “teia de interligações” que a figura do *arquipélago* pode simbolizar e que a arquitetura das *passagens* de Benjamin ou das viagens marinhas potenciam (MUGE e LOUKOVIKAS, 2017: 8-9).⁴ Se a imagem da ilha, por um lado, sugere ideias de isolamento monocêntrico, de fechamento autotélico e de fratura em relação a outras unidades similares, a imagem do arquipélago acrescenta a essas, complexificando-as, as ideias de complementaridade fragmentária e relacional, de heterogeneidade policêntrica e elíptica, sempre marcadas por tensões, movências e negociações e pela dinâmica instável de fluxo e refluxo que Kamau Brathwaite (1976) apelidou de “tidalectics” (dinâmica das marés).

Geradas *por* e geradoras *de* transgressões geopolíticas e cronológicas, as *passagens* de ARCHIPELAGOS desmontam, assim, a solidez de uma cartografia rígida e banalizada do mundo, tantas vezes acriticamente inquestionada, onde as fronteiras entre distantes contextos sociais e históricos, entre distintos fenómenos culturais, textos e instrumentos musicais, ou até mesmo entre múltiplas identidades geopolíticas ou subjetivas são, falaciosamente, tidas como inultrapassáveis. Não por acaso certamente, a *tripulação* de

⁴ A respeito dos conceitos de roteiro marítimo ou carta náutica e de arquipélago, ver: GIL, 2008 e SALGUEIRO RODRIGUES, 2010.

Outro ARCHiPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

ARCHiPELAGOS / passagens é apresentada como uma comunidade expandida e em devir, ora na secção “2~Tripulação de músicos e autores”, ora, depois, em “7~Mais sobre a tripulação”. Por seu lado, as secções “5 ~ Outras passagens” e “6 ~ Gratitudes” estendem ainda essa comunidade a outros colaboradores que, em nome individual ou como representantes institucionais, intervieram na montagem e articulação do projeto: poetas, músicos, compositores e arranjadores musicais, mas também criadores visuais e artistas performativos, coletividades locais com dinamismo cultural, ou até (sem correremos certamente o risco de abuso) o público que ouve o CD, que lê o livro eletrónico e que, obviamente, participa nos concertos de *ARCHiPELAGOS / passagens*.

Recolher, arranjar e reinterpretar canções de vários tempos e culturas, musicar poemas e fundir estéticas musicais distintas são práticas recorrentes no trabalho criativo de Amélia Muge e de Michales Loukovikas. Em *ARCHiPELAGOS / passagens*, o processo de pesquisa, apropriação e recomposição assume particular densidade recreativa e preocupação cívica e política. O que Amélia Muge e Michales Loukovikas nos propõem e se manifesta de forma exemplar em peças como “O arquipélago”, “Embalar meninos, acordar adultos”, “Ali no meio do mar”, “Nostalgia” ou “Ondas do mar de Vigo/ Kýmata mýria tou pelágo” (entre muitas outras), é, mais do que a criação de versões ou arranjos de peças pré-existentes, um verdadeiro trabalho de composição por camadas e em rede, onde justaposições e cruzamentos de vária índole desempenham um papel de relevo. Recortam passagens literárias e temas/motivos musicais de um lugar e de outro, de um e outro tempo; reorganizam-nos; recontextualizam-nos; põem-nos em relação/passagem; e, sem medo, assumem-se curadores e autores de uma obra nova.

Em “O arquipélago” deparamo-nos com a fusão de fragmentos do poema homónimo de Hölderlin (adaptados para português por A. Muge), com a canção tradicional do mar Egeu, sob o arranjo de M. Loukovikas e de A. J. Martins, e com a materialidade vocal de A. Muge, da anciã portuguesa M. J. Muge e dos coros que as acompanham.

No caso de “Embalar meninos, acordar adultos”, verificamos o cruzamento do poema de A. Muge, com fragmentos do Hino Hurrita à deusa semita Nikkal e com um excerto da canção heróica “Acordai!” de Fernando Lopes-Graça e José Gomes Ferreira. O tema hurrita com que se inicia a peça desagua em “Acordai!”, através de um contraponto livre que põe em evidência a afinidade melódica entre ambos e marca a transição do adormecimento para o despertar da consciência. A palavra fundadora da heróica de Lopes-Graça surge então na voz de A. Muge, ligada ainda ao tema hurrita, enquanto o

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes
Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

motivo melódico comum aos dois hinos se repete em segundo plano, indiciando que daí afluirá a citação de “Acordai!”, momento-clímax da peça, onde se integram as vozes originalmente escritas por Graça.

“Ali no meio do mar” transita entre os arquipélagos das Canárias, Açores e Madeira. Se os dois primeiros espaços arquipelágicos são apresentados através de excertos das canções tradicionais “Yo fui nacido en el mar” e “Rema”, respetivamente, o terceiro é referido, quer no texto original de A. Muge, quer nas pequenas citações do “Bailhinho da Madeira”. Ainda a respeito de “Ali no meio do mar”, atente-se à organicidade com que as melodias derivam umas das outras: o tema canariano inicial dá lugar a dois motivos soltos do “Bailhinho”, marcando a passagem para um tema novo, que deixa transparecer ainda leves influências da canção madeirense. Para além disto, o coro irrompe numa contextualização do que está “ali no meio do mar”, cumprindo a função de coro grego; e o tema açoriano é introduzido e faz-se acompanhar, no final, por uma segunda voz que será uma variação estilizada (ou paráfrase) do motivo do “Bailhinho” citado inicialmente.

No caso de “Ondas do mar de Vigo/ Kýmata mýria tou pelágou”, como o título desdobrado e bilingue já sugere, veja-se o encontro (adaptado por A. Muge) da cantiga de amigo galaico-portuguesa de Martín Codax (adaptada para grego por M. Loukovikas), com a melodia de Rebético de Panagiotis Tountas.

Familiarizados, por um lado, com a antiga tradição oral e popular, profusamente marcante nas suas obras individuais anteriores e assente em dinâmicas de atualização reiterada da matéria cultural fluida e instável que, desde uma distância ancestral, se reinstala sucessivamente no Presente de cada performance, e, por outro lado, não desenvolvendo o seu trabalho criativo de forma alheada quer do complexo hibridismo interartes, quer de dinâmicas de criação em *comunidade* e *site-specific* que a arte contemporânea tem no seu ADN, Amélia Muge e Michales Loukovikas retomam esses paradigmas de (re)criação em ARCHIPELAGOS, adensando-o cultural e temporalmente e alargando-o geograficamente para além das margens do Mediterrâneo. Tirando partido dos novos *media* tecnológicos (que, de resto, estiveram na génese do seu primeiro trabalho conjunto) e da maior acessibilidade à informação que o mundo globalizado e tecnológico de hoje permite e que ambos querem transformar em efetivo conhecimento intercultural, colaboração interinstitucional e enriquecimento interpessoal, Amélia Muge e Michales Loukovikas adotam, assim, um espírito ecuménico que acentua a transversalidade espaço-temporal das inquietudes humanas. Não deixam, porém, que a implosão de

Outro ARCHiPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

enraizamentos definitivos e que o rompimento de balizas/fronteiras e de normas convencionais transformem essa sua *perspetiva em trânsito* ora num *olhar sobre o mundo* vazio (humana e culturalmente), por excesso de superficialidade ou por generalizações redutoras e abusivas; ora num *fazer artístico e cultural* politicamente inócuo, alheio ao pulsar das inquietações sociais e subjetivas do dia-a-dia contemporâneo.

Na verdade, Amélia e Michales navegam numa *a-cronia translocal* (metaforizada no mar/arquipélago etimológico?) que, em aparente paradoxo, se enraíza no *aqui/agora* de cada gesto (re)criativo e de cada performance, assumindo a responsabilidade cívica de se implicar estética, cultural e politicamente no seu *tempo/espço Presente*. Um *aqui/agora* que, no entanto, é experienciado (e dado a conhecer à restante comunidade dos tripulantes da rota de ARCHiPELAGOS) como tempo/espço fragmentário e híbrido: um palimpsesto de substâncias culturais que se cruzam, se sobrepõem e manipulam, e em que o jogo de rasura/apagamento se articula com ativação mnemónica, com redescoberta de afinidades e diferenças ocultas ou insuspeitáveis; uma rede-arquipélago que, assim, se distende para além do ponto nevrálgico da interação momentânea. “Embarcar meninos, acordar adultos” será um dos exemplos mais claros das dinâmicas acima descritas. A redução instrumental, minimalista e distante, aliada à voz suspirada de Amélia Muge e ao andamento solene da música, deixa-nos suspensos num espaço-tempo tão dilatado quanto grave. Recuamos 3500 anos e, a partir do porto de Ugarit, Síria, voltamos em passo lento à contemporaneidade ocidental, pressentindo todas as gerações de meninos e adultos, de todos os portos a sul, que adormeceram e acordaram, de todas as ditaduras, em sucessivas primaveras.

Deste modo, Amélia Muge e Michales Loukovikas religam e fazem transitar para ARCHiPELAGOS/ *passagens* a antiguidade hurrita e helénica, através das tradições orais hurritas, de Safo ou de Eurípides; a nossa contemporaneidade, com Hélia Correia, Amélia Muge, Michales Loukovikas, Manos Achalinotópoulos, Filipe Raposo, Teresa Campos, entre outros, ou os grupos que participam no projeto (CRAMOL - Grupo de Canto Tradicional de Mulheres da Biblioteca Operária Oeirense, Maria Monda, a Orquestra de Cordas Palhetadas Thanassis Tsipinakis do Município de Patras e o Coro de Crianças dirigido por Catarina Anacleto); sem esquecer quer a tradição medieval galaico-portuguesa de Martín Codax (também traduzido para grego), quer os diferentes romantismos de Hölderlin, de Beethoven, de Rosália de Castro ou de João de Deus, quer as modernidades de autores

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes

Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

tão distintos quanto Saramago, Pessoa, Vasilis Tsitsanis, Panagiotis Tountas, Fernando Lopes-Graça ou José Gomes Ferreira.

Mergulhemos, então, um pouco mais neste *ARQUIPELAGOS / passagens*, através das palavras de Amélia Muge e Michales Loukovikas, em resposta e em comentário às questões que lhe dirigimos.

Ana (Salgueiro): Em 1952, o público leitor do *Arquipélago* funchalense notou, com estranheza, quer a articulação, num mesmo livro, das tão díspares poéticas dos oito autores insulares, quer a ideia de que a dinâmica tensional aí ensaiada poderia constituir um importante fator de dinamização cultural. Como está a ser recebido o vosso *ARCHIPELAGOS* pelos diferentes públicos que têm sido, por vós, visitados em diversos lugares de Portugal e da Grécia?

Amélia (Muge) e Michales (Loukovikas): Antes de mais, gostaríamos de dizer que quando um trabalho como o nosso recebe a dádiva de um texto analítico - como o vosso - tudo fica entusiasticamente mais desafiante e exigente em termos de resposta. É como se estivéssemos a conversar sobre qualquer coisa que nos pertence tanto a nós como a vocês, dado que, aqui, nos colocamos exactamente no plano da discussão, no seu sentido etimológico mais antigo. Ainda por cima, para vocês, este é o "segundo Arquipélago das vossas vidas" (já contam com a Antologia dinamizada pelo Herberto Helder). Aliás, o terceiro, porque vivem num. Melhor dizendo ainda, até podemos falar num quarto, se trouxermos à baila a forma como investigam e se (nos) põem em contacto. Ou seja, levam uma enorme vantagem em relação a nós.

Amélia: Não podemos responder a essa questão de forma linear. Acreditamos que as reacções a um trabalho musical têm a ver com diversos factores, entre eles o dos contextos de audição e apresentação. Este CD-Livro digital tem dificuldade em ser integrado nos modelos de promoção existentes (*mainstream* ou outros), pelo que um espaço de comunicação nos *media* é sempre deficiente (com honrosas excepções). Embora a Antena 1 tenha apoiado (divulgações pontuais) e constássemos das listas dos melhores do ano dos jornais *Público* e *Expresso*, essas oportunidades de contacto são limitadas. Os concertos acabam por escassear (demasiados músicos em palco e vindos de países diferentes). Nem sempre existem também entidades dispostas a arriscar em coisas 'desconhecidas', mesmo quando se propõem versões mais 'transportáveis'. Por outro lado, os concertos também não fomentam propriamente o diálogo sobre o que está a ser

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes

Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

ouvido. Assim, e porque de facto este trabalho também pode ser considerado "um livro de viagens", concebemos, tendo o modelo de apresentação do escritor e não do músico como ponto de partida, uma série de encontros-apresentação onde estivemos e vamos estar numa grande diversidade de espaços (Museus, Livrarias, Bibliotecas, Associações Culturais, Universidades). Isto, para lá das habituais FNACS, onde o modelo também foi este. Nestas apresentações estiveram connosco pessoas com formações e sensibilidades muito diversificadas (Jornalistas, Etnomusicólogos, Antropólogos, Escritores, Críticos Literários, Designers, Músicos). A música ao vivo, quando surgiu, foi porque fazia sentido em termos locais. Por exemplo no Museu do Fado fez-se um re-arranjo de alguns temas dentro do que se poderá considerar um arranjo para o fado e respectivos instrumentos. Assim, dentro deste propósito de análise da recepção do ARCHIPELAGOS, podemos dizer que a reacção tem sido excelente, na medida em que se tem conseguido reflectir sobre o papel destes projectos musicais, cujos níveis de comunicação, de tão abrangentes, vão muito para lá da música escutada. E claro, porque também se têm (sempre) vendido CDs.

Ana: Por que outras localidades e espaços culturais (em Portugal ou no estrangeiro) passará *ARCHIPELAGOS* nos próximos tempos?

Amélia: Estivemos recentemente e também dentro deste modelo de apresentação, na livraria lanos, em Atenas. O Michales vai voltar a Portugal em fins de Outubro para mais apresentações: Universidade de Aveiro, Museu Machado de Castro (Coimbra), Chaves (Festival Literário) e Gulbenkian (Paris). Estamos ainda a agendar outras. Quem sabe se no Funchal...

Ana: Como foi/é trabalhar e coordenar um projeto cujo ADN reside, justamente, no *en-contro* e na negociação de diferenças e distâncias?

Michales: There is a problem called cultural gap: I act like a Greek in a Portuguese environment. As time passes by, I realize there are side effects on the collaboration. Many times I've felt I was misunderstood, or that I'm always a Greek, a stranger, in most Portuguese eyes, despite the friendship and love I've found in Portugal. It's an unconscious reaction, I know, but I have this feeling anyway. On the other hand (there's always the other side of the coin), Portugal has given me a second chance, and appreciated even *The Gold in the Sky* (*O Ouro do Céu*), the work that has become my "passport" to make music abroad, despite the indifference I encountered at home, where the "Gold" was... entombed in oblivion *cum laude!*

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Amélia: A cultura dos países é a primeira forma de “colonização” da mente e das sensibilidades. Qualquer “verdade” classificativa em termos culturais só é útil se houver capacidade de desconstruí-la e refazê-la de novo – criar distância para uma nova aproximação. O “outro”, em última análise, somos também nós mesmos, naquilo que vamos sendo em termos de cultura vivida e conectada com “os mundos” próximos e longínquos.

Por isso, o ADN de um projecto desta natureza - essa base (talvez) infinita de possibilidades, muitas delas híbridas - é o que permite a sua existência. Perceber o que são essas possibilidades e como desenvolver (ou adaptar) cada uma delas às circunstâncias pessoais, institucionais, de conhecimento, artísticas, culturais é algo que, pertencendo a todo o processo, é também um dos seus pontos de partida.

Os potenciais de interacção, presentes a cada momento, são bastante elevados e criam como que uma muito complexa amálgama de relações com que, racional e emocionalmente, é muito difícil (se não impossível) lidar em simultâneo. Por isso, conceitos como *viagem* e *passagem* ajudam nesta aflição ou urgência de avançar para uma coisa que nunca sabemos muito bem o que é à partida. É claro que a viagem não é só aventura e risco. É também refúgio e defesa. O termo *passagem* é também uma possível e oportuna abordagem do real num curto espaço de tempo. E este “andar” também tem algo de contingência. Como se ligar pontos em contacto fosse uma solução para projectos como este, que também poderíamos designar com fazendo parte dos projectos dos que de algum modo andam desalojados, sem terra.

Para finalizar, o problema das diferentes culturas (inclusive a língua, já que comunicamos a partir do inglês que não é a língua materna de nenhum de nós) ele não é exclusivo da pertença a países diferentes. Surge em qualquer situação onde as práticas e consequentes experiências sejam também muito diferentes, mesmo dentro da mesma nacionalidade. É mais um problema de identidade pessoal e relacional. As estranhezas, incompreensões, falta de comunicação são mais do que problemas: são desafios que se vêm juntar a todos os outros.

Mariana (Camacho): *ARCHIPELAGOS/ passagens* é um título forte e extremamente sugestivo, ora pelo jogo semântico que a etimologia lhe confere; ora pelo jogo gráfico de maiúsculas com minúsculas, de letras com outros grafismos; ora ainda pela confluência/confusão de línguas. Este título surgiu como ponto de partida para a conceptualização e estruturação do projeto ou, pelo contrário, veio como consequência do processo de composição?

Outro ARCHiPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes

Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Michales: The title ARCHiPELAGOS appeared somewhere in the middle of the process – but long before we found Hölderlin’s poem “The Archipelago”. We searched for a Hellenic word that has passed to other languages, as well, having to do with sailing, as it happened with PERIPLUS.

Mariana: E porquê um ARCHiPELAGO grafado em maiúsculas, mas com um [i] minúsculo no seu interior?

Michales: ARCHiPELAGOS is a composite word, from “archi-” (leading, primary, etc.) and “pelagos” (a small sea; a great sea is called “thalassa” in Greek; that’s why we say “Aegean pelagos”, but “Mediterranean thalassa”). Anyway, this lowercase “i” among capital letters helps to divide this composite word into two. In addition, I think, it’s aesthetically beautiful.

Ana: De *PERIPLUS / deambulações luso-gregas* (2012) a *ARCHiPELAGOS / passagens* (2017), decorreram 5 anos. Ambos os projetos, desde os respetivos títulos, parecem ter na sua génese dinâmicas de trânsito/itinerância, de *en-contro* entre diferenças e afinidades (culturais, artísticas, discursivas, subjetivas, afetivas...). O que há em ARCHiPELAGOS de continuidade em relação a PERIPLUS?

Michales: The two projects are closely connected because, initially, we were asked to present an idea about a concert which would be half PERIPLUS and half new material. This new material finally gave birth to ARCHiPELAGOS, which is naturally more mature.

Amélia: Essa é uma questão que continua a “atormentar-me”. Em projectos como estes, percebe-se bem o quanto o que criamos tem uma vida própria, significados outros que tantas vezes são encontrados não por nós mas por quem os lê / ouve. A descoberta progressiva do “já feito” é um factor de continuidade. O desenvolvimento dos princípios de relacionamento, a vários níveis, a compreensão do que poderá ser um *chão* luso-grego comum foram mais importantes que a repetição de soluções. No entanto, a própria temática da viagem, a relação com o outro, a dimensão espaço-temporal, a interdisciplinaridade (artística ou outra), os critérios de selecção, a relação com os problemas contemporâneos são questões (obsessões?) que permanecem. Mas não transitam apenas do PERIPLUS, mas igualmente dos trabalhos anteriores, feitos individualmente. A sonoridade muito ligada a um núcleo base de músicos como ponto de partida, também. Igualmente se continua e diversifica a valorização do diálogo institucional.

Ana: O que há de novo no projeto mais recente?

Outro ARCHiPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Michales: What we did in PERIPLUS was to create a common territory, and merge our cultures. Having achieved this goal, we made another step in ARCHiPELAGOS, demarcating our individual grounds. But this came out, I think, because I had much more free time than Amélia and, motivated by our new project, passed through a creative period. That's why we mostly composed separately. However, this new step was also creative (sometimes risky), as we went beyond our own cultures. Amélia e.g. sang in ancient Hellenic (Sappho, Euripides), and classical stuff (Beethoven), or adapted a medieval cantiga de amigo to an old rebetiko ("Ondas do mar"); I combined rebetiko, with fado, Galician, Cape Verdean and Chilean songs, working together with Amélia ("Nostalgia"), and composed a peculiar Greco-Luso-Andalusian bulería ("Contas do mar"). Just think of this: in Amélia's morna ("Gingado lamento"), the arranger was me, and António José Martins just gave me a helping hand; on the contrary, in the Thracian "zonarádiko" ("Meninos perdidos"), although I'm a Thracian, the arranger was José, and I just gave him a helping hand! In addition, mainly thanks to Hélia Correia, the ARCHiPELAGOS poetry is much more profound.

Amélia: O Michales falou nalguns aspectos práticos de colaboração. Refere também uma disponibilidade maior da sua parte em termos criativos. De facto, para mim, uma das diferenças foi exactamente o aumento substancial das questões de produção que ficaram a meu cargo. Isso levou-me à necessidade de me adaptar, artisticamente, ao que já estava sendo feito por ele a partir das nossas conversas e recolhas, o que acabou por influenciar na alternância entre arranjos muito densos e outros quase totalmente despojados de instrumentos. E como disse num texto que vem no livro: *"O viajar junto ou sozinho foram ambos determinantes [...] Há aqui como que um perder de inocência. As pontes e a sua feitura, por si só, não levam ninguém à necessidade de as atravessar. / Crescemos. Passámos a uma outra forma de partilhar a esperança. Nada é fácil. E essa ideia de relação plena com o Outro, talvez nunca aconteça, em nós. Mas o que fazemos, nesse sentido, leva indiscutivelmente a marca de que vale a pena tentar"*.

De outro modo, com o ARCHiPELAGOS dei-me conta que a probabilidade de interacção ou encontro entre mim e o Michales era semelhante ao tão provável ou improvável encontro entre uma canção da Síria com mais de mil anos a.c. e o *Acordai* do Lopes Graça. A contingência (e necessidade) de termos mais espaço individual, até para perceber o quanto a experiência anterior nos marcou, aconteceu por isso muito naturalmente. Já não havia o medo de que, para que houvesse um resultado, tivéssemos que estar sempre a fazer tudo em conjunto. Nesse meu espaço individual o diálogo com o

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Zé Martins foi também maior e mais equilibrado, o que trouxe para o ARCHIPELAGOS maior continuidade do que já vinha a fazer nos meus outros trabalhos antes do PERIPLUS.

Outro factor importante foi ter outras parcerias que trouxeram também outras "entregas", musicais e não só. É sempre bom sublinhar que não estivemos sozinhos e que a partilha com os outros, foi neste caso, maior e mais diversificada. Foi e continua a ser.

Encarou-se de um modo também mais consciente a necessidade ou o desejo de uma forma como que antológica de viagem, onde as obras, os temas (mais do que os autores ou as reflexões no abstracto) foram o desafio prático, o «local de confluência» das estranhezas, das diferenças, das semelhanças «de passagem».

Mariana: ARCHIPELAGOS / *passages* (2017) apresenta-se como resultado de uma viagem e como convite a viajar no tempo e no espaço, por entre múltiplos pontos de ancoragem e lugares de passagem. Navegar/marear parece exigir a articulação entre, por um lado, intuição/espontaneidade, sobretudo nos momentos de escolha perante o risco e o acaso; e, por outro, planificação rigorosa da rota a seguir, da tripulação e equipamento a juntar e também da restante carga a transportar. O que pesou mais no vosso processo criativo? De que modo foram articulando intuição/espontaneidade com planificação/estruturação do projeto?

Michales: Making music is like navigating. You need both: intuition and spontaneity, while planning methodically your route and picking the most efficient crew. Intuition and spontaneity are mostly needed in the phase of creation (they go very well with inspiration); planning is an absolute necessity in arranging your stuff. Both must also be present in the last phase, in the interpretation of music.

Amélia: Lembro aqui a expressão conhecida de Fernando Pessoa, mas que teria sido eventualmente, também o lema dos Argonautas (ou de antigos marinheiros): *Navegar é preciso, viver não é preciso*. Ao contrário do que é a leitura comum, *preciso* refere-se a *precisão/exactidão* e não a *necessidade*. Assim, não sei de melhor expressão para referir isto que é a conjugação de momentos de utilização de mapas de conduta e criação e outros derivados da imprecisão do viver. O mais complicado foi "o viver" das tomadas de decisão. Melhor, o poder de decisão. Paradoxalmente isto aconteceu assim, porque precisámos de criar regras de decisão mais complexas. Uma coisa é trabalhar ideias, outra é ver o resultado que vai aparecendo, decidir o que fica, o tipo de abordagem no evidenciar de uma ligação. Foi-se mais fundo na discussão destes aspectos e isto, não só levou a uma maior compreensão das "tensões" em presença, como a uma maior consciência das inúmeras possibilidades de escolha. Por isso, esta ligação entre "preciso" e "impreciso" não teve, quanto a mim, um processo linear de fases que se sucederam, mas muito mais um ir e

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes

Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

vir entre uma coisa e outra que só parou face ao limite dos meios e dos prazos de execução.

Mariana: Que critérios pesaram mais no processo de recolha, seleção e montagem de todos os elementos que constituem o vosso *ARCHIPELAGOS / passages*?

Michales: Once you have a clear idea of what you're going to say (in our case: once we have selected the poetic material and assembled it in a way to have a meaningful, developing story), our work cannot be other than creating the necessary soundscape for this story to evolve. Our criteria, therefore, are linked with our effort to create a work of art, a union of poetry and music, appealing to both emotion and intellect.

Amélia: Para além da escolha de temas dos vários tempos que se evocam e dos diferentes locais por onde se passa e ainda para além dessa preocupação de organização temática de modo a contar várias histórias dentro de uma história só de que fala o Michales, penso que os desejos, as contingências, as possibilidades tiveram também um papel fundamental na tomada de decisões. Exerceram como que um mecanismo de atracção entre o que se ia seleccionando ou rejeitando, criando ou aprofundando.

Como disse anteriormente, o conceito de "passagem" é não apenas uma forma de viagem, mas também o resultado de uma escolha. Um misto de "capacidade de olhar para" - já diverso só porque dentro de uma parceria - e o entender que é esse olhar "de passagem" que queremos, antes do mais, consciencializar e desenvolver. O desenvolvimento desse olhar foi também criando as viagens e as viagens, o arquipélago de encontros. Criando também essa espécie de simultaneidade entre o local e o mapa das rotas, o delinear de um percurso feito de possibilidades em aberto.

Assim, fomos também progressivamente confrontados com coisas que podem ser consideradas necessidades decorrentes do pensar a prática ou argumentos que pesam nas tomadas de decisão, tais como considerar abertamente a existência de diferenças artísticas e culturais e tratá-las como um ponto de partida muito natural, inerente ao trabalho; estar aberto à possibilidade das diferenças poderem dar origem a novos desafios pessoais e de grupo; encontrar semelhanças na prática do trabalho musical e poético ou na história comum; considerar as questões de relacionamento e institucionais como um outro espaço paralelo de investimento comunicacional; estimular a curiosidade; nunca voltar as costas a uma questão (seja de que natureza for, artística ou não); potenciar os níveis de contacto a partir da fuga aos "lugares-comuns"; desenvolver a capacidade de criação de pontes de diversas naturezas; desenvolver a habilidade de lidar com espaços e tempos

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

múltiplos. E como regra de aceitação de diferentes critérios, na divergência, saber respeitar o outro, esforçar-se por entender o seu ponto de vista e dar oportunidades de decisão semelhantes ao longo do processo.

Ana: Em tempos idos, o Michales participou num programa radiofónico com o significativo título *As long as I live, so long do I learn*.⁵ Em 2002, Amélia Muge publica o álbum *A Monte* e, em 2007, *Não sou daqui*. Os títulos destes projetos anteriores, quer da Amélia, quer do Michales, parecem colocar a tónica na deriva, na vertigem do que ainda está para vir/ser e, por conseguinte, numa espécie de desenraizamento. Por seu lado, o título *PERIPLUS / Deambulações Luso-Gregas*, cujo sentido etimológico é significativamente recuperado no texto de abertura do CD de 2012,⁶ retoma essa ideia de viagem contínua, numa circulação sem fim, que, de resto, também se encontra implícita no subtítulo de *ARCHIPELAGOS / passagens*. Contudo, um olhar mais atento para as várias secções destes dois projetos revela uma outra dinâmica complementar: "On Absences", "On routes", "On Islands" são algumas das secções de *PERIPLUS*; "Revisitando o Arquipélago", "Macaronésia", "Ilhas imaginárias" são outras secções de *ARCHIPELAGOS*. Deriva, paragem e retorno surgem, assim, como dinâmicas cíclicas que marcam a rota dos dois projetos coletivos, de resto fortemente ligados às figuras/espacos míticos de Ítaca, Ulisses, Penélope, *Macárön Nēsoe*.

Até que ponto a gravação de ambos os discos, a inscrição textual e a inscrição visual (poesia e desenho/ilustração) que os acompanham podem/devem ser entendidos como momentos de paragem, de fixação e, nessa medida, de enraizamento pontual em tempos/espacos particulares?

Michales: Voyaging aimlessly with no destination is pointless. There's always a reason to go out to sea, and always a port waiting for you. In addition, don't forget you can also write texts, make designs, even music, while voyaging!

Amélia: "Não sou daqui" não se refere a nenhum lugar. É a constatação de uma não-pertença em aberto. Eu não pertenço a uma "coisa" enquanto não me apropriar dela. Tem a ver com uma identidade em procura constante. No caso concreto do ARCHIPELAGOS esta procura desenvolve-se a partir de dinâmicas que percorrem vários eixos: real - simbólico; histórico - quotidiano; memória - vivido. Se por um lado as "Ilhas Imaginárias" são viagens decorrentes de obras (elas em si mesmas cristalizadas; *ilhificadas?*) em livros, por outro, são as vidas das pessoas que emigram que se cristalizam em canção. O "cansaço de ser" pode ser entendido como uma paragem, ou momento da

⁵ **Michales:** The radio program you refer to was not in my name; it was my first voyage on the radio waves as a writer, presenter and music supervisor. The program that is connected with my name, lasting for almost 13 years (just before coming to Portugal) and creating a sensation, was entitled "Mediterranean paraplus" (similar to periplus).

⁶ "sailing around", refers to the ancient voyages around the Mediterranean and beyond, in the Atlantic and the Indian oceans" (MUGE e LOUKOVİKAS, 2012).

Outro ARCHiPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes

Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

viagem, mas também se pode cristalizar em essência ou desistência de alguém ou alguma coisa.

Curiosamente, as minhas ilustrações foram feitas a partir do desenho em papel que, depois de digitalizado, "partiu" à descoberta de outros traços, outras cores, transformações, sequências, numa dinâmica de transformação a partir de uma mesma morfologia de base. Em termos de linguagem, foram processos semelhantes aos musicais, mas a partir da matéria visual, não sonora.

Assim, diria que os momentos de paragem podem ser uma outra forma de compreender a viagem, especialmente aquela que tem a ver com os processos "de pertença".

Ana: O que quiseram gravar/cristalizar neste vosso projeto e porquê agora?

Michales: Personally, I wished to present the Hellenic tragedy of Greece and the entire world, as well, under the neoliberal *Estado Novo*. I was so moved by Hélia's "The Third Misery" – the way no Portuguese can be moved.

Amélia: Primeiro, há esse núcleo duro que trouxe como que uma urgência em comunicar, que foi o livro da Hélia: *A Terceira Miséria*. A Hélia traz pela mão o Hölderlin e, com ele, esse vasto oceano que nos liga (ilhéus que todos somos) e desafia a vir das origens diversas e comuns, até à diversidade actual. Assim, para lá desta mola inicial, não houve, à partida, vontade de criar um objecto pré-concebido; então, o que foi ficando não é o produto de um registo planeado primeiro e depois executado, mas o lado mais visível, possível e assinalável de uma busca que foi encontrando as suas formas de lidar com urgências, denúncias ou interrogações que foram desenhando as suas rotas.

O "momento" teve a ver com o encontro entre este desejo continuado de busca e o convite do Teatro Municipal São Luiz para a criação de um concerto na continuidade do PERIPLUS...

Mariana: Viagem e paragens provisórias, estruturam-se, em *ARCHiPELAGOS / passagens*, a partir de dois eixos: (1) Portugal e as culturas lusófonas; (2) a Grécia e as culturas que, na antiguidade, participaram na Hélade, um espaço geocultural e político que (à semelhança da Lusofonia) ficou marcado pela heterogeneidade polifónica e por complexas assimetrias de poder, não se confinando ao continente que hoje apelidamos de Europa e ao Mediterrâneo, mas estendendo-se também desde a África, o Médio Oriente e a zona transfronteiriça dos Balcãs, até ao Atlântico e ao Índico.

O que vos moveu para, na contemporaneidade, aproximar estes dois universos culturais, colocando-os em diálogo recreativo?

Outro ARCHiPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Michales: There are many similarities, as well as many differences. Amélia and I always focus on the similarities. In addition, both Hellenes and Lusitanos proved to be great navigators. Not to mention the age-old contacts between Greeks and Iberians. The cultural similarities we've come through in many cases have been so great, they've taken us by surprise!

Amélia: Como em muitas outras situações, primeiro o acaso, a atenção, a curiosidade e sobretudo o forte sentimento de pertença que queríamos aprofundar. Depois, sinceramente, acho que foram esses universos culturais que nos "instigaram" a que houvesse este trabalho de aproximação. Não o contrário. Quer dizer, acredito que no mundo, tudo pode estar em aberto e em qualquer momento ligações que parecem improváveis acontecem, se entendermos o que existe nas coisas como potencial de comunicação que nos atrai, mesmo que sempre à deriva.

Ana: Num mundo hoje marcado pela deriva e pelas migrações (voluntárias e forçadas), mas também por tantas assimetrias e desumanidades, até que ponto o vosso trabalho artístico pode/deve também ser lido como um projeto político, entendendo também aqui o conceito de política em sentido etimológico grego: o de *polis*?

Michales: A Hellenic *polis* was not a city; it was the *citizens*. A Phoenician city-state, on the contrary, was a city of obedient subjects governed by a king or an oligarchy. Athenian democracy was direct, collective and participatory – exactly the opposite of today's so-called "representative democracy" that is oligarchic in essence. Under neoliberalism this contrast reached extremes with 1% of the world's population having more wealth than the rest 99%. Hence all these asymmetries and inhumanities, with the drifting miseries of destroyed countries, the new "sea peoples", trying to find a new home, a better life. These realities are, of course, reflected in ARCHiPELAGOS, which, I think, can be seen as a political statement.

Amélia: Tendo ainda *A Terceira Miséria* como referência e se essa obra é um projecto ou uma prática política, ela impõe-se de facto pela diferença no tipo de intervenção. Isto é, a Héliá parte do princípio (completamente claro nas últimas frases do livro) de que é preciso um outro início. Que leve a uma outra ideia de *polis*, outras ligações com a memória e o seu "resgate", com a palavra, com a capacidade de perguntar e responder. E a uma outra transcendência naquilo a que ela chama: *os feitos e defeitos humanos*.

Dentro deste contexto, sim. Este trabalho liga-se a estas preocupações e encontra nelas um princípio de vontade de uma outra forma de agir.

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e Interartes

Entrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Mariana: O vosso trabalho nasce de um encontro na *internet*, uma rede que, hoje, potencia distintos processos de globalização, ora mais hegemónicos e massificadores, ora mais locais ou translocais. Por outro lado, o vosso trabalho criativo manipula materiais e fenómenos culturais muito antigos e associados a tradições locais, quantas vezes esquecidos ou ignorados e, por conseguinte, mantidos à margem nos sistemas culturais contemporâneos. Como integram o vosso trabalho em *PERIPLUS* e em *ARCHIPELAGOS* nas complexas dinâmicas dos processos de globalização?

Michales: I hope we don't integrate our work into these processes – it would be fantastic if we could undermine them! (unless we understand globalization quite differently: *globalization*, for me, is a euphemism for neo-colonialism, capitalism, imperialism, global *estado novo*).

Amélia: Globalização houve sempre, ao longo da História, com diferentes significados, possibilidades e escalas de interacção. E avançou da melhor ou pior forma sempre que pessoas, países, poderes, economias, culturas, estiveram em presença. É no fundo esta ideia de contacto que contamina a própria história de um povo, com tudo o que isso traz de desenvolvimento e retrocesso.

Se hoje a globalização é mais complexa, que se tire partido desse facto. Que se recriem de uma forma menos limitada os conceitos de “local” e de “identidade”; que se incentivem outras dinâmicas de comunicação, que se actue no plano artístico, criando outras formas de viajar no espaço e no tempo da história, das vidas e das artes, que não se limitem “à fina casca do contemporâneo”. Que se consigam maiores capacidades de síntese entre o que vai sendo feito em vários campos, que se eleve o tipo de consciência do que pode ser uma herança universal que contém a particularidade do único e do diverso.

As redes de encontro, paralelas às que mais facilmente proliferam nas economias de mercado ou nos sistemas de regulação social, serão impossíveis sem as facilidades de contacto que existem, mas que, por si só, são apenas meios para se atingirem outros patamares ou dimensões.

A criação/concepção/interrogação de novas linguagens e novos modelos artísticos e a sua partilha alargada são, penso eu, um dos poucos termómetros que conseguem trazer à globalização, o lado sensível da visão do que existe e do que falta para que paradoxalmente não estejamos, de facto, mais sós do que nunca.

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Amélia Muge *

Autora. Compositora. Cantora. Instrumentista. Também formadora (Comunicação e Ensino). Também ligada à Animação Sócio-Cultural e à Formação para o Desenvolvimento (Projectos a nível local). Ligada às artes visuais, ao teatro e ao multimédia. Do nascimento e vivência em Moçambique, vem-lhe o ser e o estar ligado a outros sabores, outros sons, outras culturas. Também o estudo e escuta da música, o começar a compor desde muito nova, a formação em História, o leccionamento de 6 anos na Universidade Eduardo Mondlane. Em Portugal, frequenta outras formações ligadas ao design, desenho e audiovisual (AR.CO) e o Curso de Cinema de Animação da Fundação Calouste Gulbenkian. Continua a trabalhar em projectos de desenvolvimento local, nomeadamente na serra algarvia e colabora com outras áreas artísticas como o teatro e a dança. *Música* (1991) inicia a edição de trabalhos discográficos que obtêm vários prémios regulares ligados às listas dos melhores discos do ano. Colabora com outros cantores nacionais (p. ex.: José Mário Branco e Fausto) e estrangeiros (p. ex.: Amancio Prada, Camerata Meiga, Ester Formosa - Espanha; Elena Ledda, Lucilla Galeazi - Itália; Pirin Folk Ensemble - Bulgária). Edita *Todos os Dias* (1994 - incluído nos 100 melhores discos da música portuguesa pelo jornal *Público*) e *Taco a Taco* (1996 - com o qual ganha o Prémio Zeca Afonso), *Maio Maduro Maio* (1997, em parceria com José Mário Branco e João Afonso, de novo galardoado com o Prémio Zeca Afonso). Edita também *A Monte* (2000), *Não Sou Daqui* (2007) e *Uma Autora, 202 Canções* (2010), enquanto vai tendo uma atividade regular de concertos por vários festivais de cariz cultural (p. ex.: Tranches d'Europe Express, Rouen; Les Tombées de la Nuit, Rennes; 7 Nuits d'Essence, Aigues Mortes; Festival Folk, Madrid; Itinerari Folk, Itália; Cité de la Musique, Paris; Encontros de Música Clássica e Contemporânea, Córsega; e Encontros Lusófonos, Praga. Para além da composição, para si e para outros cantores (Misia, Camané, Mafalda Arnaut, Gaiteiros de Lisboa, Ana Moura, Cristina Branco, Pedro Moutinho), assina a co-produção artística de álbuns e a direcção artística e adaptação para português de música de séries estrangeiras de desenhos animados para televisão. Edita *O Dono do Nada* (2006), música de uma peça de sua autoria para a infância, em cena nos teatros Olga Cadaval e Maria Matos. Cria e co-dirige no âmbito de *Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura* o grupo vocal Outra Voz. Em colaboração com Michales Loukovikas edita *O Ouro do Céu, Ares Alexandrou por Michales Loukovikas* (2011) e *Periplus, Deambulações Luso-Gregas* (2012 - álbum incluído entre os melhores do ano pelos jornais *Público* e *Expresso*, pela SPA, pelo conceituado programa de World Music *Mundofonias*, ou pela revista internacional *fRoots*. Colabora no CD para crianças *Ruelles* (França), distinguido pela Academia Charles Cros (2013). Edita o CD-Livro *Amélia com Versos de Amélia* (2014). Ainda em 2014 é convidada do Kronos Quartet, no concerto que realizaram na Fundação Calouste Gulbenkian, Grande Auditório: "Kronos Quartet 40 anos. Digressão Comemorativa". Concede e dirige projectos como *Joining Mitchell* (Misty Fest, 2013) e *De Viva Voz, o profundo canto a capella* (Misty Fest, 2016). Por convite da Culturgest estreia, com Filipe Raposo, o concerto *Com o Passo das Árvores* (2017) e edita, de novo em parceria com Michales Loukovikas, *ARCHIPELAGOS-passagens* (2017), apresentado no teatro S. Luiz (Lisboa) em Novembro desse ano.

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Michales Loukovikas *

Nasce na Trácia, Grécia. Canta e toca acordeão e guitarra desde os 15 anos, com referências e ligações a vários géneros (ocidentais e orientais) de música do mundo. Estuda música grega contemporânea, especialmente a dos cantautores e compositores que musicam poesia. Mais tarde, centra-se no Rebétiko, sobretudo na *escola smirnaica* e aprofunda os estudos da música mediterrânica de base modal, popular e clássica. Compõe, arranja, canta e toca música para teatro e cinema. Estuda Língua e Literatura Inglesas na Universidade Aristotélica de Salónica. Trabalha como professor de Inglês, tradutor e jornalista, especializando-se nas áreas internacional e cultural. Escreve sobre música em publicações especializadas e é consultor e redactor de programas educativos radiofónicos. Tem, durante 15 anos, um programa diário (*Viagens à Volta do Mediterrâneo*) na Rádio Nacional Cultural de Salónica. Em 1989, participa no Simpósio Internacional de Musicologia sobre música mediterrânica, *Ritmos, Modos e Escalas*. Compõe, arranja, produz e dita *The Gold in the Sky* (2008), baseado na poesia de Ares Alexandrou. Traduz para inglês poemas do CD-Livro *Uma Autora, 202 Canções* de Amélia Muge (2010), artista com quem passa a colaborar regularmente: em 2011, a edição portuguesa de *O Ouro do Céu/ Ares Alexandrou por Michales Loukovikas*, traduzido e adaptado para português com Amélia Muge; em 2012, o CD-Livro *Periplus/ deambulações luso-gregas*, envolvendo música e músicos de ambos os países. Participa também como compositor, arranjador, tradutor e co-director artístico no CD-Livro de Amélia Muge, *Amélia com Versos de Amália*. Compões para outros artistas portugueses como o grupo vocal Maria Monda, e prepara um estudo *Portraits of Women of Rebetiko. The Art of Modulation*, dedicado a Panayiotis Tountas, considerado o maior compositor da *escola smirnaica*.

Mariana Camacho *

Estudou piano com Olga Kuts. Licenciou-se em 2015 em Artes e Humanidades (major em Artes do Espetáculo, minor em História da Arte), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e foi bolsista da FCT no âmbito do projeto OPSIS - Base Iconográfica de Teatro em Portugal, do Centro de Estudos de Teatro da FLUL (2014 - 2016). Enquanto cantora e performer, fez *Os Acontecimentos*, de David Greig, com os Artistas Unidos (2015), *Cegos*, do Desvio Coletivo, e *Endless*, de Henrique Amoedo, ambos com o Grupo Dançando com a Diferença (2014 e 2015 respetivamente). Integrou o Estágio Coro Gulbenkian 2017. Integra o Coro de Câmara da Universidade de Lisboa, dirigido por Luís Almeida, desde 2014. É cantora convidada do projeto Mutrama - Música Tradicional Madeirense Revisitada, com direção artística de André Santos (2017-2018); colabora com os TochaPestana desde 2014, com quem gravou o disco *TopFlop* (2016); é co-autora e intérprete de *Punk d'Amour*, juntamente com Filipe Ferraz, tendo lançado o disco *Toda a Nudez Será Perdoada* (2015); desenvolve um trabalho de pesquisa em improvisação vocal com o coletivo Musgo, desde o início de 2017. Paralelamente, trabalha em comunicação audiovisual, tendo colaborado com o Festival Migractions, do Théâtre de l'Opprimé (2013 - 2016), com a Associação Xarabanda no projeto *O Fio da Memória* (2014) e com as residências artísticas *Câmara Nova 2014*, *Taxonomia o Estado das Coisas* (2017) e *Sistema* (2018), ambas do New Maker Ensemble.

Outro ARCHIPELAGOS/Passagens: Translocalidades Culturais e InterartesEntrevista [comentada] a Amélia Muge e Michales Loukovikas por Mariana Camacho e Ana Salgueiro

Ana Salgueiro *

É doutoranda em Estudos de Cultura na Universidade Católica Portuguesa (UCP); mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e licenciada em LLM-Estudos Portugueses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É investigadora integrada no CECC - Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da UCP, onde participa no grupo de trabalho "[Literature and the Global Contemporary](#)". É também investigadora colaboradora no Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira (UMa-CIERL), onde coordena o núcleo de investigação [TRATUÁRIO. Percursos para a História da Cultura Madeirense](#) e onde co-ordena o projeto *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*. É coautora dos livros *Vozes de Cabo Verde e Angola. Quatro percursos literários* (2010) e *Cabral do Nascimento. Escrever o mundo por detrás de um monóculo e a partir de um farol* (2015). Nas áreas dos Estudos Literários, Estudos de Cultura e Estudos Insulares, o seu trabalho tem-se ocupado sobretudo dos sistemas da Macaronésia Lusófona, abordando questões como: o exílio e a mobilidade humana, cultural e textual; as implicações entre cultura e poder; a relação entre fenómenos culturais, imaginários e fenómenos naturais; o papel dos discursos artístico e académico nas sociedades contemporâneas. Este trabalho tem sido apresentado em reuniões científicas e eventos culturais, encontrando-se publicado em livros, atas e publicações periódicas especializadas, nacionais e internacionais. Paralelamente, tem participado em e coordenado Comissões Organizadoras de vários encontros académicos internacionais e regionais. Integra o Conselho Científico do Laboratório Galego de Ecocrítica (Santiago de Compostela, Galiza, Espanha) e o Conselho Científico da revista *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série* (Funchal, Madeira, Portugal).